

CHRISTOPHER MARLOWE

A Trágica História do Doutor Fausto

Organização e Introdução

Luís Bueno

Tradução e Notas

Luís Bueno

Caetano W. Galindo

Mario Luiz Frungillo


Ateliê Editorial

EDITORIA UNICAMP

Sumário

O Nascimento de um Mito Literário – <i>Luís Bueno</i>	13
---	----

THE TRAGICAL HISTORY OF DOCTOR FAUSTUS /
A TRÁGICA HISTÓRIA DO DOUTOR FAUSTO

Nota dos Tradutores.	29
<i>Dramatis Personae / Dramatis Personae</i>	36 / 37
<i>Prologue / Prólogo</i>	38 / 39
<i>Scene 1 / Cena 1</i>	42 / 43
<i>Scene 2 / Cena 2</i>	58 / 59
<i>Scene 3 / Cena 3</i>	64 / 65
<i>Scene 4 / Cena 4</i>	76 / 77
<i>Scene 5 / Cena 5</i>	88 / 89
<i>Scene 6 / Cena 6</i>	134 / 135
<i>Scene 7 / Cena 7</i>	146 / 147
<i>Scene 8 / Cena 8</i>	150 / 151
<i>Scene 9 / Cena 9</i>	158 / 159
<i>Scene 10 / Cena 10</i>	180 / 181
<i>Scene 11 / Cena 11</i>	186 / 187
<i>Epilogue / Epílogo</i>	210 / 211

HISTÓRIA DO DOUTOR JOÃO FAUSTO

Nota do Tradutor	217
Prefácio ao Leitor Cristão	223
1. História do Doutor João Fausto: Nascimento e Estudos do Mui Famoso Mago.	229
2. Doutor Fausto, um Médico, e de Como Ele Conjurou o Diabo . . .	233
3. Segue-se a Disputa de Fausto com o Espírito	237
4. Outra Disputa de Fausto com o Espírito Chamado Mefostófiles . .	241
5. O Terceiro Colóquio do Doutor Fausto com o Espírito e o Contrato que com Ele Firmou.	243
6. O Doutor Fausto Deixa Escorrer seu Sangue em um Cadinho, Coloca-o sobre Carvões em Brasa e Escreve o que se Segue.	245
7. Contra a Obstinação do Doutor Fausto Podem-se Declamar os Seguintes Versos e Rimas	247
8. Sob que Forma o Diabo Apareceu Diante de Fausto	249
9. Dos Serviços Prestados a Fausto pelo Espírito	253
10. O Doutor Fausto Quis se Casar	255
11. Perguntas do Doutor Fausto ao Espírito Mefostófiles	259
12. Uma Discussão sobre o Inferno e suas Cavernas	261
13. Outra Pergunta do Doutor Fausto Acerca do Governo dos Diabos e de seu Principado	263
14. Pergunta sobre o Aspecto que Tinham os Anjos Banidos.	265
15. O Doutor Fausto Continua a Discutir com seu Espírito Mefostófiles sobre o Poder do Diabo	269
16. Uma Disputa sobre o Inferno, Chamado Gehenna, de como É Feito, que Aspecto Tem e das Penas que Nele se Sofrem	273
17. Outras Perguntas que o Doutor Fausto Fez ao Espírito.	281
18. O Doutor Fausto, Fazedor de Calendários e Astrólogo	285
19. Uma Pergunta ou Disputa em Torno da Arte da Astronomia ou Astrologia	287
20. Do Inverno e do Verão	289
21. Do Curso, Magnificência e Origem do Céu	291

22. Perguntas do Doutor Fausto Acerca de como Deus Criou o Mundo e do Nascimento do Primeiro Homem, às quais o Espírito, de Acordo com seu Costume, Deu uma Resposta Inteiramente Falsa . . .	293
23. Os Espíritos Infernais São Apresentados a Fausto em seu Verdadeiro Aspecto, e os Sete mais Ilustres entre Eles São Chamados pelos seus Nomes	295
24. Como o Doutor Fausto Visitou o Inferno	299
25. Como o Doutor Fausto Viajou pelas Estrelas	305
26. A Terceira Viagem do Doutor Fausto, a Vários Reinos e Principados, e Também a Muitos Países e Cidades Famosas	311
27. Do Paraíso	323
28. De um Cometa.	327
29. Das Estrelas	329
30. Uma Pergunta sobre a Condição dos Espíritos que Atormentam os Homens	331
31. Outra Pergunta, sobre as Estrelas que Caem na Terra	333
32. Do Trovão.	335
33. Uma História do Doutor Fausto e do Imperador Carlos V.	339
34. O Doutor Fausto Faz Aparecer uma Galhada de Cervo na Cabeça de um Cavaleiro.	343
35. Como o Cavaleiro Quis se Vingiar do Doutor Fausto, mas Fracassou no seu Intento	345
36. O Doutor Fausto Devora a Carga de Feno de um Camponês, Juntamente com a Carroça e os Cavalos	347
37. De Três Ilustres Condes que o Doutor Fausto, a Pedido Deles, Levou pelo Ar até Munique, para Assistirem ao Casamento do Filho do Príncipe da Baviera	349
38. Como o Doutor Fausto Tomou Dinheiro Emprestado a um Judeu, Dando-lhe como Penhor um de seus Pés, que Cortou em Presença do Judeu.	353
39. O Doutor Fausto Engana um Negociante de Cavalos	355
40. O Doutor Fausto Devora uma Carga de Feno.	357
41. De uma Briga Entre Doze Estudantes	359

42. Uma Aventura com Camponeses Bêbados	361
43. O Doutor Fausto Vende Cinco Leitões a Seis Florins Cada Um . . .	363
44. As Aventuras que o Doutor Fausto Viveu na Corte do Príncipe de Anhalt	365
44 a. De uma Outra Aventura que Fausto Proporcionou para Satisfação deste Conde, Fazendo Surgir um Suntuoso Castelo no Alto de um Monte	367
45. Como o Doutor Fausto Visitou a Adega do Bispo de Salisburgo com seus Estudantes	369
46. Da Outra Noite de Carnaval, na Terça-feira	371
47. Na Quarta-feira de Cinzas, o Verdadeiro Carnaval	373
48. Da Quarta Noite de Carnaval, na Quinta-feira	375
49. Na <i>Dominica in Albis</i> , a Conjuração de Helena	377
50. De um Encantamento que Fez as Quatro Rodas da Carroça de um Camponês Saltarem para o Ar.	381
51. De Quatro Magos que Cortaram a Cabeça um do Outro e as Tornaram a Pôr no Lugar, e da Parte que o Doutor Fausto Tomou nisso Tudo.	383
52. De um Velho que Advertiu o Doutor Fausto sobre sua Vida Ímpia, Tentando Convertê-lo, e da Ingratidão com que Foi Pago.	385
53. O Segundo Contrato do Doutor Fausto, por Meio do qual Ele se Entregou ao seu Espírito	389
54. De Duas Pessoas a Quem o Doutor Fausto Uniu no seu Décimo-sétimo Ano	391
55. Das Plantas que Floresceram Durante o Inverno no Jardim de Fausto no Natal de seu Décimo-nono Ano	393
56. De um Exército Conjurado Contra o Barão a Quem o Doutor Fausto Fizera Brotar uma Galhada de Cervo na Corte do Imperador, no seu Décimo-nono Ano	395
57. Da Vida Dissoluta do Doutor Fausto nos seus Décimo-nono e Vigésimo Anos	397

58. De um Tesouro que o Doutor Fausto Encontrou no Transcorrer do seu Vigésimo-segundo Ano	399
59. De Helena da Grécia, que Foi a Concubina de Fausto em seu Último Ano	401
60. Do Testamento do Doutor Fausto, no qual Ele Nomeia seu Fâmulo Wagner como Herdeiro	403
61. Colóquio Entre o Doutor Fausto e seu Fâmulo Acerca do Testamento	405
62. Como o Doutor Fausto, Tendo Apenas Mais um Mês Diante de Si, Foi Tomado pelo Desespero e Começou a se Lamentar e Soluçar por Causa de sua Diabólica Existência.	407
63. Lamentação do Doutor Fausto por Ter de Morrer Ainda Jovem e Cheio de Vida	409
64. Outra Lamentação do Doutor Fausto.	411
65. Como o Espírito Mau Atormentou o Aflito Doutor Fausto com Estranhos Gracejos e Provérbios	413
66. Lamentação do Doutor Fausto sobre o Inferno e suas Penas e Tormentos Indescritíveis	417
67. Segue-se Agora o Fim Horrível e Tremendo do Doutor Fausto, no qual Todo Cristão Deve se Espelhar, a Fim de se Precaver Contra Igual Destino	419
68. <i>Oratio Fausti ad studiosos</i>	421
Índice dos Capítulos e do que Cada um Deles Contém.	429
NOTAS SOBRE A TRADUÇÃO INGLESA DO <i>FAUSTBUCH</i> – <i>Luís Bueno</i>	435
POSFÁCIO: “FAREI UMA PONTE, MOVEREI MONTANHAS”– FAUSTO E A HISTÓRIA DA VONTADE INDIVIDUAL – <i>Patrícia da Silva Cardoso</i> ..	455

O Nascimento de um Mito Literário

Luís Bueno

Quase nada se sabe sobre Christopher Marlowe. Sabe-se, no entanto, que foi batizado no dia 26 de fevereiro de 1564 na cidade de Canterbury, já que no livro de registros da Igreja de St. George de Canterbury, no ano de 1564, pode-se ler: “No 26^o dia de fevereiro batizou-se Cristofer, filho de John Marlowe”¹. Temos, então, um excelente ponto de partida para estimarmos sua data de nascimento. Muitos dizem que seria o dia 6 de fevereiro, mas se trata de especulação, aliás desmentida pelo costume. Afinal, num tempo de alta mortalidade infantil, temerosos de que os recém-nascidos morressem pagãos, os pais tratavam de batizar os filhos rapidamente. Dessa forma, é provável que ele tenha nascido no dia 25 de fevereiro ou, quem sabe, no dia 24. Na verdade, não há como saber.

Sendo um homem comum, filho de um sapateiro, só há registros de fatos de sua vida quando ela cruzou com grandes instituições. É por isso que sabemos que em 1578 ele ganhou uma das bolsas de estudos

1. A. D. Wraight & Virginia Stern, *Search of Christopher Marlowe*, 2. ed., Chichester, Adam Hart, 1993, p. 3.

de seis anos concedidas pela Catedral de Canterbury destinadas a “cinquenta meninos pobres, destituídos de auxílio ou amigos, dotados de mentes aptas a aprender”², que no mesmo ano se matriculou no King’s College daquela mesma cidade e que em março de 1581 ele se inscreveu no Christ College da Universidade de Cambridge, onde concluiu o bacharelado em 1584 e recebeu o título de mestre em 1586. Sabemos também de suas várias passagens pela polícia, acusado – mas jamais condenado – de diferentes crimes como falsificação, assassinato e ateísmo. Sabemos, por fim, que ele foi assassinado no dia 30 de maio de 1593, aos 29 anos, num lugar chamado Deptford, hoje um bairro de Londres próximo de Greenwich, mas, naquele tempo, parte de uma localidade vizinha, Kent, e enterrado dois dias depois no cemitério da Igreja de Saint Nicholas.

Mas sabemos algumas outras coisas sobre ele. Sabemos, por exemplo, que ele se ausentou de Cambridge por longos períodos de tempo, o que teria gerado a desconfiança de que teria viajado para a cidade de Reims, na França, onde participaria de um movimento de restauração católica que pretendia derrubar a rainha Elizabeth I. Porém, o Privy Council, um alto Conselho diretamente ligado à rainha, fez questão de certificar que ele não fora para lá conspirar, ao contrário: “ele se comportou de forma ordeira e discreta, tendo assim prestado bons serviços a Sua Majestade, merecendo ser recompensado por seu fiel procedimento”³. Esse documento faz pensar: se Marlowe era um homem comum, por que motivo um alto Conselho de Estado teria a preocupação de esclarecer boatos e negar que ele seria um traidor? Ora, porque ele seria um espião, parte de um serviço secreto criado por Elizabeth I que, naqueles anos conturbados, recrutou vários letrados para protegê-la das constantes ameaças a seu trono⁴. Suas atividades na França não seriam, portanto, de traição,

2. *Idem*, p. 38.

3. J. A. Downie, “Marlowe: Facts and Fictions”, em J. A. Downie & J. T. Parnell (ed.), *Constructing Christopher Marlowe*. Cambridge, Cambridge University Press, 2001, p. 15.

4. Stephen Alford, *The Watchers – A Secret History of the Reign of Elizabeth I*, London, Penguin, 2012.

mas de proteção à rainha. Isso explicaria muita coisa. Explicaria, por exemplo, por que razão Marlowe, depois de ser preso como falsário nos Países Baixos, denunciado por um dos companheiros de empreitada e extraditado para a Inglaterra, ter sido simplesmente solto. A falsificação era considerada, naquela altura, alta traição, e a pena prevista era a morte. Por que seria solto? Porque estaria a serviço da rainha.

O mais intrigante de tudo, no entanto, é sua morte. Afinal, qual a natureza do crime, o que o motivou? A hipótese de que ele tenha relação com a condição de Marlowe como agente secreto da rainha é há séculos aventada. Charles Nicholl, num livro de 1993, desenvolveu longamente o desenho de um grande complô⁵.

Por outro lado, em 1925 o acadêmico Leslie Hoston fez uma descoberta não menos que espetacular. Ele estava convencido de que haveria registros jurídicos do assassinato de Marlowe que pudessem esclarecer a situação em que tudo se passou. Seu objetivo era encontrar os documentos do julgamento ou, pelo menos, da acusação a Ingram Frizer, o assassino, e nada encontrou. Mas não parou por aí: “Subitamente ocorreu-me que uma das numerosas entradas dos registros [...] era a de *perdões*. Se, como diziam os antigos autores de panfletos, a morte fora impetrada em legítima defesa, então talvez... e eu me volvei para o manuscrito original do índice e do calendário”⁶. Nesse índice ele encontrou a anotação de que Frizer teria sido perdoado. Hoston conta que o dia já terminava, e ele teve que esperar até o dia seguinte para poder procurar o processo nos arquivos. E ele encontraria nada menos que o relatório da investigação assinado pelo coronel William Danby, dando conta de que quatro cavalheiros estavam reunidos na casa de Eleanor Bull, viúva, desde as dez da manhã. Ali eles almoçaram, conversaram, passearam pelo jardim e às seis da tarde jantaram. Depois do jantar, por discordâncias em torno da conta, Marlowe, que estava reclinado numa cama, levantou-se e atacou Frizer, ferindo-o duas vezes na cabe-

5. Charles Nicholl, *The Reckoning: The Murder of Christopher Marlowe*, London, Vintage, 2002.

6. J. Leslie Hotson, *The Death of Christopher Marlowe*, London, Nonesuch / Cambridge, Oxford University Press, 1925, p. 24.

ça. Diante disso, Frizer reagiu, entrou em luta com Marlowe e o esfaqueou no olho direito, matando-o instantaneamente.

E o que Marlowe teria a dizer sobre si mesmo? Para nós, nada. Nenhum de seus manuscritos sobreviveu. Há uma única amostra de sua letra porque, quando tinha 21 anos, passando uns dias em Canterbury com a família, assinou como testemunha o testamento de uma vizinha. Tudo o que sabemos dele vem, além desses documentos oficiais, de testemunhos de terceiros. Três desses testemunhos são especialmente marcantes, já que foram escritos por contemporâneos e criaram a figura de uma espécie de monstro moral (ou de libertário, dependendo do ponto de vista) que marcou sua reputação, para o bem e para o mal. Aconteceu que o também dramaturgo Thomas Kyd, que dividia uma casa com Marlowe, foi acusado de escrever certos panfletos ateístas e, na casa, foram encontrados papéis comprometedores. Ele alegou que os papéis pertenciam a Marlowe, o que não deu resultado, já que acabou preso no dia 11 de maio, tendo sido torturado. Em consequência dessa prisão, o próprio Marlowe seria preso no dia 20, também acusado de ateísmo, mas liberado com pagamento de fiança e com a obrigação de se apresentar diariamente às autoridades. É nessa altura que um certo Richard Baines vai dirigir uma carta ao Privy Council “contendo a opinião de um certo Christopher Marlowe no que diz respeito a seu condenável julgamento sobre a religião”⁷. É uma lista de coisas que Marlowe supostamente dissera ou costumava dizer, atirando para todo lado, tais como: “Moisés não passava de um impostor”, “a principal motivação da religião é apenas manter os homens aterrorizados”, “Cristo era um bastardo e sua mãe uma desonesta”, “todos os protestantes são uns bândões hipócritas”, “São João Evangelista era amante de Cristo e se deitava sempre em seu peito, usando-o como os pecadores de Sodoma”, “todos os que não apreciam tabaco e meninos são tolos”, “que ele tinha tanto direito quanto a Rainha de cunhar moedas”⁸. O objetivo imediato, não é difícil perceber, é encrencar Marlowe. Mas o que desejaria de fato Bai-

7. Richard Baines, “Letter”, em Christopher Marlowe, *Doctor Faustus*, New York, Norton, 2005, p. 127.

8. *Idem*, pp. 127-128.